

## PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL III — JUAN HUARTE DE SAN JUAN (+)

*"Nihil sub sole novi"* (Eccle. 1, 10)

*"Ninguém seja ao mesmo tempo latoeiro e carpinteiro. Com efeito, duas preocupações, dois ofícios, não podem ser bem atendidos por um ser humano"*  
(Platão — De Legibus)

*"Devia-se estabelecer uma lei: que o carpinteiro não fizesse obra tocante ao ofício de lavrador, nem o tecelão ao de arquiteto, nem o jurisperito curasse, nem o médico advogasse, senão que cada um exercesse só aquela arte para a qual tem talento natural, e deixasse as demais"*  
(Huarte)

HENRI CABASSUS

### O AUTOR

Juan Huarte de San Juan, médico, pedagogo e filósofo espanhol, nasceu na cidade chamada então Sant Juan del Pie del Puerto, na Baixa Navarra, pertencente à Espanha desde 1515, cidade depois anexada à França, à qual pertence em definitivo desde 1660, pelo tratado conhecido como "Paz dos Pirineus". Chama-se hoje Saint Jean Pied de Port. O lugar do nascimento vem expresso na folha de rosto de sua obra e na licença concedida por Filipe II para a primeira edição (p. 59).

A data de seu nascimento não se conhece com exatidão porque desapareceram ali os livros paroquiais de todo o século XVI. É possível, entretanto, situá-la com segurança ao redor de 1530. É muito provável que a infância de Huarte tenha transcorrido em terras de fala castelhana, pois diz ele que "nenhum dos graves autores foi buscar língua estrangeira para exprimir seus conceitos, antes os gregos escreve-

---

(+) Ver "Síntese" nº 21, Jan-Abril 1981, 71-86 e nº 26, Set-Dez. 1982, 79-99.

ram em grego, os romanos em latim, os hebreus em hebráico e os mouros em árabe; e assim faça eu no meu espanhol, por sarber melhor esta língua que nenhuma outra" (p. 166).

Não se sabe ao certo o lugar onde estudou. Uns pretendem que em Huesca, em cuja Universidade se registram vários Huarte. Outros, que em Alcalá, o que hoje parece mais provável. Aí teria estudado medicina de 1553 a 1559 (Torre, p. 11). As primeiras notícias certas sobre Huarte datam de 1571-1572. Trabalhava já ele em Baeza desde 1571 e a provisão real que atesta seu exercício profissional nessa cidade, autoriza pagar-lhe de determinada fonte o que constava no contrato de avença que ele tinha com a cidade, a saber, 200 ducados e 50 fanegas de trigo por ano (p. 12)(1).

A provisão diz que Huarte era "homem de muita ciência" o que poderia levar a supor, segundo suas próprias teorias, que não fosse bom médico prático, pois ele diz que "sendo o médico grande letrado, pela mesma razão é inábil para curar" (p. 228.229, 232.233). Mas não é o seu caso, pois a própria provisão louva sua experiência e habilidade e diz que "era a pessoa tal qual convinha à cidade e a seus habitantes (p. 12).

Um pouco mais bem documentados aparecem os últimos anos de sua vida. Consta certo sua moradia em Baeza e Linares, seu casamento com Águeda de Velasco, navarra como ele, e o número e nome de seus filhos, três homens e quatro mulheres (Torre, p. 15).

Esteban Torre assinala que nenhum pormenor verdadeiramente expressivo sobre Huarte chegou até nós. "Nada sabemos de seu caráter, de suas alegrias ou de suas tristezas, mas revelou-se um dos espíritos mais finos do renascimento espanhol" (p. 16). Nisto convêm outros autores que escreveram sobre ele, como Sanz, Iriarte, Marañón et al. Um só livro bastou para lhe dar entrada na História da Cultura, diz Torre (p. 16). Seu nome figura no "Catálogo de Autoridades da Língua" publicado pela Real Academia Espanhola (Espasa-Calpe).

Enfermo, fez testamento aos 25 de novembro de 1588, vindo a falecer em fins desse mesmo ano ou princípios de 1589 (Torre, p. 16).

Huarte foi sem dúvida um precursor. "Seus ensinamentos correspondem ao que na psicologia contemporânea se chama psicologia individual ou estudo das diferenças psicológicas características, psicologia

das profissões, ... e psicotécnica. ... Gall e Lavater o estimam como precursor de sua frenologia e fisiognomonia, respectivamente, e Barinski diz que sua obra é o primeiro ensaio de uma topografia científica do cérebro e da teoria da seleção" (Espasa-Calpe).

A repercussão de sua obra se faz notar não só nas numerosas edições que teve e continua tendo, mas ainda na frequência com que se encontram referências a seu nome na bibliografia técnica e nos repertórios bibliográficos.

## **A EXPERIÊNCIA QUE DEU ORIGEM À SUA TEORIA E AO LIVRO**

"Vemos entrar em um curso de qualquer ciência grande número de discípulos — sendo o mestre muito bom ou muito ruim — e ao fim da jornada saem uns com grande erudição, outros com mediana e outros, em todo o curso, nada mais fazem do que perder tempo, gastar seu cabedal e quebrar-se a cabeça sem proveito algum". E chama-lhe a atenção que "os que são rudes em uma ciência têm habilidade em outra, e que os muito engenhosos em determinada ciência, passados a outras não as podem compreender".

"Eu pelo menos sou boa testemunha desta verdade, pois entramos três companheiros a estudar juntos latim e um o aprendeu com grande facilidade e os demais jamais puderam compor uma oração elegante. Mas passados todos os três à dialética, um dos que não puderam aprender gramática, saiu nesta arte uma águia fulgurante e os dois outros não disseram palavra em todo o curso. E vindos todos os três à astronomia, foi coisa digna de nota que o que não pôde aprender latim nem dialética, em poucos dias sabia mais que o mestre que nos ensinava, e aos dois outros jamais nos pôde entrar coisa alguma. Do que admirado, comecei logo a discorrer e a filosofar sobre o fato, e achei por minha conta que cada ciência pede seu engenho determinado e particular, e que tirado dali nada vale para as demais ciências" (p. 72).

Aí está clara a origem de sua teoria — que não é outra senão a de Traço-Fator — e do seu livro.

## **O LIVRO**

O livro tem por título "EXAMEN DE INGENIOS PARA LAS CIENCIAS — Donde se muestra la diferencia de habilidades que ay en los

hombres, y el genero de letras que a cada uno responde en particular". A data de impressão vem ao fim do livro: 23 de fevereiro de 1575 (p. 374).

A edição aqui comentada é a edição príncipe em sua integridade, sem as supressões, emendas e acréscimos que foram feitos em algumas edições posteriores.

Torre qualifica o estilo de Huarte de "seco" no sentido técnico que Huarte dá a esta palavra e acrescenta: "Na fisio-filosofia huartina, a 'sequidão' é precisamente o suporte natural do entendimento, sequidão temperada, que se opõe à úmida fluidez dos memoriosos e ao excessivo acaloramento febril dos delírios imaginativos" (p. 41). A linguagem é clara, fluente, natural e equilibrada.

A primeira edição teve uma tiragem de 1500 exemplares e esgotou-se logo, o que hoje pode parecer estranho visto o lugar em que foi editado o livro, Baeza, cidade que não é das grandes de Espanha. Torre, porém, afirma que "publicar um livro em Baeza não implicava em absoluto dificuldade para sua difusão, pois na segunda metade do século XVI era Baeza... uma cidade florescente, de não pequena atividade cultural" (p. 17). De resto, o título do livro — Examen de Ingenios para las Ciencias — era suficientemente sugestivo para suscitar a curiosidade e o interesse de muitos leitores. "Exame" e "engenho" eram idéias que despertavam atenção na época; baste lembrar o livro de Persio sobre o mesmo assunto (Cfr. "Síntese", nº 26, Set-Dez. 1982, 79-99).

O livro teve enorme êxito. Menendez y Pelayo deixou dito que "sorte igual não alcançou nenhum outro livro de filosofia espanhola" (apud Espasa-Calpe). Editaram-no também Alemanha, Bélgica, França Holanda, Inglaterra e Itália. Houve traduções para as línguas próprias desses países e várias traduções para o latim. E as edições sucederam-se através dos séculos, até o dia de hoje. Em vida do autor houve seis edições espanholas, uma francesa e duas italianas. Até o fim do século XVI, no decurso de vinte e cinco anos, contam-se dezenove edições em quatro línguas. No século XVII houve trinta e seis edições em seis línguas. E elas continuaram nos séculos seguintes. Torre enumera setenta edições e o Kindlers Literatur Lexikon, mais recente, setenta e sete.

## ESTRUTURA DO LIVRO

O livro consta de quinze capítulos e dois proêmios, um dirigido ao rei e outro ao leitor. O primeiro proêmio, dirigido ao rei, delimita claramente a matéria sobre a qual vai tratar (p. 61-63). No segundo proêmio adverte o autor que não qualquer um o poderá ler com proveito. Os homens de "talento comum" não o devem ler, mas só os "discretos, equilibrados e experimentados". E traz ainda três conclusões que interessam ao leitor, assim como indica o intento com que escreveu a sua obra, que é conhecer as diferenças individuais e, conforme elas, encaminhar cada um à ciência que mais quadre ao seu engenho (p. 64-68).

Os sete primeiros capítulos constituem a parte geral da obra. Neles é feita uma análise qualitativa e quantitativa da inteligência humana (p. 69-172). No oitavo capítulo estabelece que ciências correspondem a cada diferente espécie de engenho (p. 163-178). É um capítulo geral que serve de introdução aos capítulos nono ao décimo quarto, nos quais estuda mais em pormenor os engenhos necessários à eloquência, à teologia, à jurisperícia, à advocacia, à magistratura, à medicina, à arte militar e ao ofício de rei (p. 179-309). No capítulo quatorze no qual descreve e estuda o engenho que convém ao rei, traça, a seu ver, o retrato de Felipe II. O décimo quinto capítulo traz já no cabeçalho uma advertência: "É capítulo notável". Nele estabelece o autor quatro coisas, a saber: 1) que providências tomar para ter filhos sábios; 2) homens e não mulheres; 3) para que se lhes conserve o engenho e, por fim, 4) que tipos de homem e de mulher se devem unir a fim de que possam ter filhos (p. 310-374).

### PRIMEIRO PROÊMIO — Delimitação da matéria de que vai tratar

Diz ele: "Todos os filósofos antigos acharam por experiência que onde não há natureza que disponha o homem para o saber, é inútil trabalhar nas regras da arte. Mas nenhum disse com distinção e clareza: 1º — o que é a natureza que faz o homem hábil para uma ciência e incapaz para outra;

2º — quantas espécies de engenho há no gênero humano;

3º — que artes e ciências correspondem a cada um em particular;

4º — com que sinais se há de conhecer isso, que é o que mais importa.

Estas quatro coisas, ainda que pareçam impossíveis, contém a matéria sobre a qual se vai tratar, além de muitas outras ... a fim de que os

pais ... descubram o engenho de seus filhos e os saibam aplicar cada um à ciência em que há de aproveitar mais”.

Previne ainda o rei de que no penúltimo capítulo da obra encontrará ele indicado qual é a espécie do seu engenho (p. 63).

## SEGUNDO PROÊMIO

Após dissuadir de o ler o leitor de “talento comum”, prossegue ele: “Mas se fores discreto, ponderado e experimentado, dir-te-ei três conclusões muito verdadeiras, ainda que por sua novidade sejam dignas de grande admiração”.

“A primeira é que, de muitas espécies de engenho que há no gênero humano, só uma te pode caber com eminência, a não ser que a Natureza, que é muito poderosa, ... tenha juntado em ti duas ou três, ou por não poder mais, te tenha deixado estulto e privado de todas”.

“A segunda é que a cada espécie de engenho corresponde eminentemente uma só ciência e não mais...”

“A terceira é que, depois de haveres descoberto qual a ciência que mais corresponde a teu engenho, resta-te ... averiguar se tua habilidade é mais acomodada à prática ou à teoria, porque em qualquer gênero de ciências estas duas são tão opostas e pedem engenhos tão diferentes ... como se fossem verdadeiramente contrárias” (p. 65.66).

Diz a seguir que o fim desta sua obra é distinguir e conhecer as espécies que há de engenho humano e aplicar com método a cada uma a ciência em que mais há de aproveitar (p. 68).

## O TEXTO

É no primeiro capítulo que ele traz a experiência sua e de mais dois colegas que postos a estudar sucessivamente latim, dialética e astronomia, cada um deles só conseguiu sair-se bem em uma dessas disciplinas e mostrou-se incapaz para as outras duas. De onde ele conclui que cada engenho é feito para uma só ciência. Quem dera pois, diz ele, que houvesse orientação e seleção de engenhos nas escolas (p. 72. 73).

Sabida já a ciência que melhor calha a cada um, a fim de aproveitar nos estudos, convém tomar cinco providências:

- 1ª – Começar a estudar “na primeira idade porque é a mais aparelhada para aprender. ... Na segunda idade que é a adolescência devem os jovens ser aplicados à arte de raciocinar, porque se lhes começa a descobrir o entendimento. Na juventude aprendem-se todas as demais ciências, exceto a filosofia que pede maior maturidade”.
- 2ª – Ir às Universidades, mas longe de casa e da família “porque o aconchego da mãe e dos irmãos, parentes e amigos é grande estorvo para aprender” (p. 75).
- 3ª – Buscar bom mestre, que tenha clareza, método e boa doutrina (p. 76).
- 4ª – Estudar com ordem.
- 5ª – Por fim empregar muito tempo nos estudos, esperando que a ciência “cozinhe” na cabeça e deite raízes profundas (p. 77).

Toda estas cinco condições são importantes, mas mais importante e necessário que todas elas é um talento bom e correspondente à ciência que se quer estudar, porque sem ele “é como lutar contra os deuses” (p. 78.79). “Quien bestia va a Roma, bestia torna” (p. 75).

Ao fim do capítulo diz ele que a inteligência tem seu princípio, aumento, apogeu e declínio respectivamente na adolescência, juventude “idade de consistência” e velhice. A idade em que ela dispõe do máximo de suas forças vai dos trinta aos cinquenta, e é nessa idade que, quem o pretende fazer, deve escrever os seus livros, “não antes nem depois se não quiser retratar-se nem mudar de sentença” (p. 78). Mas observa que estes limites de idade variam um pouco de pessoa para pessoa.

No segundo capítulo ele conceitua *natureza*. “É sentença comum entre os filósofos antigos que a natureza é que faz os homens hábeis para aprender. ... Mas ninguém disse que coisa é esta natureza. ... Só disseram que, faltando ela, são vãos o método, a experiência, os mestres, os livros e o trabalho” (p. 80).

Após longa dissertação sobre o assunto, conclui ele com base em Aristóteles, que é “ao temperamento (*tempero*) das quatro qualidades primeiras – calor, frialdade, umidade e sequidão – que se há de chamar *natureza*, porque desta nascem todas as habilidades do homem, todas as virtudes e vícios, e esta grande variedade de engenhos que ve-

mos" (p. 87). Explica o seu conceito mais em pormenor no capítulo IV (p. 99 ss.).

O capítulo III é intitulado: "Em que se declara que parte do corpo há de estar bem temperada para que o jovem tenha habilidade". Aqui busca ele, como diz o título, qual o órgão que a natureza destinou para que o homem seja sábio e prudente. Antes de Hipócrates e Platão tinha-se que era o coração, mas estes dois sábios provaram que é o cérebro (p. 90.91). Huarte explica "que condições há de ter (o cérebro) para que se possa dizer bem organizado, a fim de que o jovem, por esta razão, tenha bom engenho e habilidade". (p. 91).

Ele já dissera no capítulo II que a natureza não depende só da composição do cérebro ao nascer, mas sofre influência dos alimentos que o homem come, das águas que bebe, do ar que respira (p. 88).

O capítulo IV não oferece muito interesse para nós. Entre outras coisas diz que há homens que têm certo poder (natural) de predizer o futuro, e que todos os homens têm potências para conhecer as três diferenças de tempo: para o passado, a memória; para o presente, os sentidos; e para o futuro, a imaginação e a inteligência (p. 113.114).

O capítulo V é uma longa digressão sobre vários temperamentos. Como a memória supõe cérebro úmido e a inteligência o supõe seco, é impossível ao homem ter ao mesmo tempo boa memória e boa inteligência (p. 127).

Considera as diferentes espécies de inteligência, de imaginação e de memória. Assim, p. ex., "há memória que recebe com facilidade e logo se esquece; há outra que tarda em receber e retém por muito tempo; e há uma terceira que recebe com facilidade e tarda muito em esquecer" (p. 129.130). Para a inteligência põe estas três diferenças: "Há os que têm disposição natural para as contemplações claras e fáceis da ciência que estudam, mas nas mais obscuras é inútil querer o mestre fazer-lhes compreender, porque não têm capacidade para tanto. Há outros nos quais se imprimem facilmente todas as regras e considerações da ciência, claras, obscuras, fáceis e difíceis, mas a doutrina, o argumento, a resposta e a distinção, tudo se lhes há de dar pronto e mastigado. Estes precisam ouvir bons mestres, que saibam muito, ter muitos livros e estudar sem parar. Mas a natureza faz também engenhos tão perfeitos que não hão mister mestres que os ensinem ... porque de uma consideração que se lhes aponte, tiram cem, e sem que se lhes diga nada se lhes enche a boca de ciência e saber. ... Estes

podem escrever livros, os outros não. ... Aos que carecem de criatividade não devia o país consentir que escrevessem livros ... porque não fazem mais do que dar círculos nos ditos e sentenças de autores graves e repetí-los, e furtando aqui e ali, já não há quem não componha uma obra”.

“Aos engenhos criativos chamam em língua toscana *caprichosos*, pela semelhança que têm com a cabra no andar e pascer. Esta jamais anda pelo plano; é amiga de andar a sós pelos riscos e alturas e de descer a grandes profundidades; daí que não segue vereda alguma nem quer andar em companhia. Esta propriedade também se acha na alma racional quando provida de um cérebro organizado e temperado: jamais se aquieta numa contemplação; tudo é andar inquieta, buscando novas coisas que saber e entender” (p. 130-132).

“A imaginação contém muito mais espécies, porque tem as três assinaladas para o intelecto e a memória e de cada uma destas espécies resultam outras três” (p. 130).

No capítulo VI traz muitos sinais psicognômicos, entre os quais o da brandura da carne. Por si só este sinal “não importa para a inteligência ... mas quando ambos, corpo e cérebro, concorrem na mesma brandura, é mau indício para o entendimento e não menos para a imaginação. ... De modo que é antes mau indício ter carnes moles que secas e duras. ... Se (as carnes) são duras e ásperas, assinalam bom entendimento ou boa imaginação, e se são brandas é boa a memória e pouco o entendimento e menos ainda a imaginação. E para saber a qualidade do cérebro é mister examinar os cabelos; se são grossos, negros, ásperos e espessos, é indício de boa imaginação ou de bom entendimento; se são finos e sedosos, é sinal de muita memória e nada mais. Mas quem quizer distinguir e saber se aquelas qualidades indicam inteligência ou imaginação, tem que examinar ... o riso” (p. 143, 144).

Sobre a causa do riso ninguém até hoje disse coisa que valha, diz o autor. “A causa do riso não é senão ... a aprovação da imaginação ao ver um fato ou ouvir um dito que tem muita graça; ... Quando a imaginação é muito boa, não se contenta com qualquer dito, mas só com aqueles que têm muita graça, e se têm pouca, antes causam pena que alegria. Esta é a razão pela qual os homens de grande imaginação raramente se riem. Os muito engraçados contadores de anedotas nunca se riem das graças que contam nem das que ouvem, porque têm imaginação tão fina que mesmo seus próprios chistes não têm a graça que

eles quereriam" (p. 144.145).

E mais, "a anedota, além de ter graça deve ser nova e nunca ouvida.... Donde concluo que os muito risonhos são todos faltos de imaginação, e assim em qualquer piada, por fraca que seja, acham graça. ... Daqui se infere também que os homens de muita inteligência são muito risonhos por serem faltos de imaginação. ... Logo, pelo riso conhecemos se é inteligência ou imaginação o que têm os homens ou jovens de carnes duras e ásperas e de cabelos negros e espessos, duros e ásperos" (p. 145.146).

Se o capítulo VII tem menos interesse para o nosso assunto, não assim o capítulo VIII no qual "se dá a cada espécie de engenho a ciência que corresponde em particular e se lhe tira a que lhe é repugnante e contrária" (p. 163).

"As artes e ciências que se alcançam com a memória são as seguintes: a gramática, o latim e qualquer outra língua, a teoria da jurisperícia, a teologia positiva, a cosmografia e a aritmética".

"As que pertencem ao entendimento são: a teologia escolástica, a teoria da medicina, a dialética, a filosofia natural e moral, a prática da jurisperícia que chamam advocacia".

"Da boa imaginação nascem todas as artes e ciências que consistem em figura, correspondência, harmonia e proporção. Estas são: a poesia, a eloquência, a música, a pregação, a prática da medicina, as matemáticas, a astronomia, o governo dum país, a arte militar, a pintura, o desenho, a caligrafia. À imaginação também se deve o ler bem, o ser bom contador de anedotas, a habilidade para coisas práticas, ..." (p. 164).

"Provar cada uma destas coisas seria um nunca acabar. Mas dando a prova para três ou quatro ciências, para as mais valerão as mesmas razões". (p. 164).

*A memória e as línguas* — Os homens para se comunicar inventaram vocábulos que correspondem aos seus conceitos. Resultaram daí tantas maneiras de falar nas diversas línguas, que a não terem boa memória é impossível aos homens compreenderem-se. "Diz Aristóteles que as crianças aprendem melhor qualquer língua que as pessoas adultas, apesar destas serem mais racionais. E mostra-o a experiência. Se a Castilha vem um biscainho de trinta ou quarenta anos, jamais aprende o

romance, e se é criança, em dois ou três anos parece nascido em Toledo. ... Logo, se na idade em que mais reina a memória e há menos entendimento e imaginação, se aprendem melhor as línguas que quando há falta de memória e sobra de entendimento, é certo que é com a memória que elas se aprendem e não com qualquer outra potência" (p. 164.165).

*A inteligência e a teologia escolástica* — "É certo que a teologia escolástica pertence ao entendimento, pois as obras desta potência são distinguir, inferir, raciocinar, julgar e eleger, e nenhuma outra coisa se faz nesta disciplina senão levantar dúvidas e dificuldades, responder com distinção, e contra a resposta inferir o que em boa consequência se colige, e tornar a responder até que sossegue o entendimento" (p. 166).

*A imaginação e a poesia* — "No catálogo das ciências que pertencem à imaginação pusemos em primeiro lugar a poesia, e não por acaso ou sem bem considerar, mas para dar a entender quão longe estão do entendimento os que têm muita veia para metrificar. ... É tão contrária ao entendimento (a arte de metrificar), que pela simples razão que alguém se assinale notavelmente nela, pode despedir-se de todas as ciências que pertencem a esta potência" (p. 168). E confirma com um exemplo de Aristóteles: "Marcos, cidadão de Siracusa, era melhor poeta quando estava fora de seu juízo". ... Platão está na mesma linha: "Estando o homem em seu perfeito juízo, não pode metrificar". E ainda uma vez Aristóteles: "O homem que está em seu juízo não pode ser poeta". (p. 169).

"Por estes três exemplos que aduzimos, do latim, da teologia escolástica e da poesia, vê-se que é verdadeira esta doutrina e que nossa divisão e distribuição está bem feita, ainda que não façamos demonstração particular das demais artes" (p. 170).

No mesmo pé que os poetas põe Huarte "os mestres de capela" e todos os músicos "cujo engenho é ineptíssimo para o latim e para todas as demais ciências que pertencem ao entendimento e à memória" (p. 170). Neste rol entram também "os rapazes que têm boa voz e gorjeiam bem", que são ineptíssimos para todas as ciências, e a razão é que são frios e úmidos, duas qualidades que estando juntas ... deitam a perder a parte racional" (p. 173).

A esta altura traz o autor uma tirada deliciosa de ingenuidade e suficiência: "Porque a língua latina repugna tanto ao engenho dos espanhóis e é tão natural ao dos franceses, italianos, alemães, ingleses e aos demais que habitam o setentrão?" (p. 174). Questão à qual responde que "buscando Galeno o engenho dos homens pela temperatura da região que habitam, diz que os que moram no setentrão são todos faltos de entendimento, e os que estão situados entre o setentrão e a zona tórrida são inteligentíssimos. E esta posição corresponde exatamente à nossa região. De fato é assim, pois a Espanha nem é tão fria como os lugares do norte, nem tão quente quanto a zona tórrida". E confirma com Aristóteles que "trata muito mal aos flamengos, alemães, ingleses e franceses, dizendo que seu engenho é como o dos bêbedos, razão pela qual não podem inquirir nem saber a natureza das coisas" (p. 174-176). Mas por fim, sempre faz alguma concessão aos pobres alemães, perfeitamente dentro da sua teoria: "Mas ainda que a estes setentrionais lhes repugne a filosofia e as demais ciências que dissemos, dão-se muito bem com as matemáticas e a astronomia, por terem boa imaginação" (p. 176).

Do capítulo IX ao XIII considera Huarte os ofícios que lhe pareceu bem estudar em pormenor, estabelecendo a relação de cada um deles e de suas partes com a potência ou faculdade mental que lhe corresponde. Vários desses ofícios vêm bipartidos em teoria e prática, correspondendo a teoria a uma ou mais potências, o mesmo se dando com a prática, sendo porém sempre diferente as potências que correspondem a um e outro ramo em que se divide o ofício. Nesta divisão, tudo está de acordo com sua teoria. Assim a eloquência, por ele apresentada numa sentença negativa, "não pode estar em homem de grande entendimento" (Cap. IX). "A teoria da teologia pertence ao entendimento e a pregação, que é a sua prática, pertence à imaginação" (Cap. X). "A teoria das leis pertence à memória; a advocacia e a magistratura, que são a sua prática, pertencem ao entendimento; o governo de um país pertence à imaginação" (Cap. XI). "A teoria da medicina pertence parte à memória e parte ao entendimento, e a prática pertence à imaginação" (Cap. XII). No capítulo sobre a arte militar não dá Huarte, no título, a potência ou faculdade mental à qual ela pertence, mas no desenvolvimento do assunto atribui-a à imaginação (Cap. XIII).

O capítulo XIV é o em que Huarte traz as qualidades que convém a quem deve exercer o ofício de rei. Para se entender melhor o que diz sobre o temperamento real, é bom lembrar que os antigos consideravam quatro elementos — terra, água, ar e fogo — como responsáveis

pelas quatro qualidades fundamentais que entravam no estabelecimento das categorias temperamentais (p. 343). Essas quatro qualidades fundamenais são: seqidão, umidade, frialdade e calor, que isoladas ou combinadas duas a duas davam origem a oito temperamentos, a saber, seco, úmido, frio, quente, frio e seco (melancólico), quente e seco (colérico), frio e úmido (linfático) e quente e úmico (sangüíneo). Há ainda uma nona forma temperamental que é a equilibrada, temperada ou perfeita, na qual não há predomínio de nenhuma das quatro qualidades fundamentais. Diz Huarte: "Dos nove temperamentos que há na espécie humana, só uma diz Galeno faz o homem inteligentíssimo, tanto quanto naturalmente se pode alcançar; no qual as qualidades primeiras estão com tal peso e medida que o calor não excede à frialdade, nem a umidade à seguidão, antes se acham em tanta igualdade e conformidade, como se realmente não fossem contrárias, nem tivessem oposição natural. Do que resulta um instrumento tão acomodado às obras da alma racional, que vem o homem a ter perfeita memória para as coisas passadas, grande imaginação para ver o que está por vir, e grande entendimento para distinguir, inferir, raciocinar, julgar e eleger" (p. 288).

Diz o autor que em Espanha só achou esta espécie de engenho em uma pessoa (p. 289), porém acrescenta "haverá outras muitas que não chegaram ao meu conhecimento, nem pude examinar" (p. 291). Huarte não diz aqui nem em todo o capítulo XIV que essa pessoa é o rei, mas havia deixado dito já no primeiro proêmio que "o penúltimo capítulo (o XIV) é o lugar onde Vossa Majestade verá a forma de seu engenho..." (p. 63). E passa a descrever a figura de Felipe II, da qual dá seis traços característicos que são os do homem temperado.

"O primeiro (sinal) é ter o cabelo ruivacento, que é uma cor entre branco e ruivo e se vai dourando com o andar do tempo" (p. 291), e explica porque o homem de temperamento equilibrado tem o cabelo dessa cor. Mas acrescenta que "é sinal muito enganoso", pois os homens do norte também têm o cabelo assim, mas por outra razão (p. 292).

O segundo sinal é "ter o corpo bem feito e airoso, garboso e elegante, de modo que a vista se recreie em fitá-lo como figura de grande perfeição". ... Quanto à estrutura que há de ter o homem temperado "não está determinada pela natureza, porque pode ser grande, pequena ou de mediana estatura. ... Mas para o que diz respeito ao engenho, melhor é a moderada estatura ... que a grande ou a pequena..." (p. 292).

“O terceiro sinal ... é ser virtuoso e de ter bons costumes. Porque ser mau e vicioso, diz Platão, que nasce de ter o homem alguma qualidade destemperada que o incita a pecar” (p. 293).

“O quarto sinal é estar sempre são e nunca enfermo” (p. 294).

“A quinta qualidade ... é ter longa vida, porque são muito poderosos para resistir às causas e aos achaques de que enfermam os homens”.

“O último sinal põe-no Galeno dizendo que são prudentíssimos, de grande memória para as coisas passadas, de grande imaginação para alcançar o que está por vir, e de grande entendimento para saber a verdade de todas as coisas. Não são malignos nem astutos nem cavilosos, porque isto nasce de ser vicioso o temperamento” (p. 298).

“É certo que a natureza não fez um engenho como este para estudar latim, dialética, filosofia, medicina, teologia ou leis. Porque ainda que pudesse aprender todas estas ciências, nenhuma delas enche sua capacidade. Só o ofício de Rei lhe corresponde em proporção e só em reger e governar se há de empregar” (p. 298.299).

E percorre um por um os seis sinais dos homens temperados, mostrando “quanto cada um convenha ao cetro real e quão impertinente seja para as demais ciências e artes” (p. 299). E remata: “E assim posso concluir que o homem que for ruivo, gentil-homem, mediano de corpo, virtuoso, são e de longa vida, é necessariamente prudentíssimo e tem o engenho que o cetro real exige” (p. 309).

Inicia o último capítulo dizendo que “é coisa digna de grande admiração que sendo a natureza ... prudente, engenhosa, de grande artifício, saber e poder, e o homem uma obra em que ela tanto se esmera, no entanto para um que nasce sábio e prudente, cria infinitos faltos de engenho. Do qual efeito, buscando sua razão e suas causas naturais, achei por minha conta que os pais não se chegam ao ato da geração com a ordem e disposição que a Natureza estabeleceu, nem sabem as condições que se hão de guardar para que seus filhos nasçam prudentes e sábios. ... Em qualquer região temperada ou destemperada nasce um homem muito engenhoso para cada cem mil. ... Se pudesse remediar isto com método, teríamos feito ao país o maior benefício que se lhe poderia fazer” (p. 310).

É o que o autor se propõe neste capítulo que intitula: "Onde se traz o modo como os pais hão de gerar filhos sábios e dotados de engenho que as ciências requerem. É capítulo notável".

É o capítulo mais extenso da obra. Divide o assunto a tratar em quatro partes, a saber:

- 1ª — Que qualidades e temperamento natural devem ter o homem e a mulher para poderem gerar;
- 2ª — Que diligências devem fazer os pais para que seus filhos nasçam varões e não mulheres;
- 3ª — Como sairão os filhos sábios e não néscios;
- 4ª — Como se hão de criar, depois de nascidos, para conservar-lhes o engenho (p. 314).

Aqui só serão respingadas algumas idéias de Huarte sobre o assunto.

## I PARTE

Que qualidades e temperamento natural devem ter o homem e a mulher para poderem gerar

Já Platão dizia (in Theateto) que "no país bem ordenado devia haver casamenteiros que soubessem conhecer cientificamente as qualidades das pessoas que se haviam de casar, e dar a cada homem a mulher que lhe corresponde em proporção, e a cada mulher seu homem determinado". (p. 314).

O elemento fundamental de que depende o bom êxito nesse assunto são as quatro qualidades fundamentais, calor, frialdade, sequidão e umidade, que devem ser encontradas, uma no homem e outras na mulher, segundo determinados níveis ou graus. É a combinação de determinados graus de frialdade e umidade na mulher e de calor e sequidão ou calor e umidade no homem que rege não só a possibilidade da geração de filhos, mas ainda a qualidade da prole, prudente e sábia ou rude e néscia. Cada qualidade fundamental apresenta três graus.

Se o indivíduo é quente, frio, seco ou úmido conhece-se por sinais ou características detectáveis exteriormente. O autor dá sete sinais (p. 318 ss). Ei-los:

- 1º — *Engenho e habilidade* — A mulher que mostre engenho e habilidade terá frialdade e umidade no primeiro grau; se for muito to-

la, é indício de estar no terceiro; a participação dos dois extremos aqui o segundo grau (p. 319). O homem que se mostrar agudo em obras de imaginação terá calor e sequidão no terceiro grau; se sabe pouco, é sinal de que ao calor juntou-se umidade, a qual deita sempre a perder a parte racional; e confirma-se se tem muita memória (p. 325).

- 2º — *Costumes e atitudes* — A mulher que é de engenho agudo e além disso é arisca, áspera e desabrida, está no primeiro grau de frialdade e umidade. Repara em tudo, briga por qualquer coisa e assim é difícil de suportar. É de boa conversação e não leva a mal que algum homem lhe faça um galanteio. Se é mulher de trato afável, se não se molesta por nada, se se ri por qualquer coisa, se dorme bem apesar dos contratempos, está no terceiro grau de frialdade e umidade. “Porque a muita brandura de ânimo anda ordinariamente acompanhada de pouco saber”. A mulher que participe dos dois extremos está no segundo grau (p. 321). Os homens quentes e secos no terceiro grau são animosos, soberbos, liberais, impudicos e andam com muita elegância e garbo. Sem freios nem moderação no que tange a mulher. Os quentes e úmidos são alegres, risonhos, amigos de passatempos, simples e muito afáveis. São pundonorosos e não muito dados a mulheres (p. 325).
- 3º — *A voz* — “A voz grossa e áspera, diz Galeno que é indício de muito calor e sequidão. ... Logo se a mulher tiver voz de homem é fria e úmida em primeiro grau. Se a voz é muito delicada está no terceiro. Se participa de ambos os extremos, terá voz natural de mulher e estará no segundo grau” (p. 321.322). “Voz grossa e um pouco áspera é indício de ser o homem quente e seco em terceiro grau. Se sua voz é suave e delicada, é sinal de pouco calor e de muita umidade, como se vê nos eunucos. O homem que com o calor tiver umidade, terá voz grossa, mas suave e sonora” (p. 325).
- 4º — *Carnes muitas ou poucas* — “Muitas carnes na mulher é argumento de muita frialdade e umidade. E pelo contrário ser enxuta e seca é indício de pouca frialdade e umidade. E ter carnes moderadas, nem poucas nem muitas, é sinal evidente de que a mulher está no segundo grau de frialdade e umidade. Também a maciez e a aspereza delas mostra os graus destas qualidades; a muita umidade põe as carnes moles, a pouca, ásperas e duras, e a moderada fá-las suaves ao toque” (p. 322). “O homem que é quente e seco no terceiro grau tem muito poucas carnes, duras e ásperas, feitas de nervos e músculos, e as veias muito salientes. E

pelo contrário, ter muitas carnes, lisas e macias é indício de haver umidade" (p. 326).

5º — *A cor da pele* — "Ser a mulher muito branca, diz Galeno que é indício de muita frialdade e umidade; e pelo contrário a que é morena e verde-negra está no primeiro grau de frialdade e umidade; dos dois extremos se compõe o segundo grau, que se conhece porque a pele é branca e corada" (p. 322). "A cor da pele, se é morena, tostada, verde-negra e acinzentada, é indício de estar o homem o terceiro grau de calor e sequidão; e se tem as carnes brancas e coradas, argui pouco calor e mais umidade" (p. 326).

6º — *Pêlo e barba* — "Ter (a mulher) muita penugem e um pouco de barba, é sinal evidente para conhecer o primeiro grau de frialdade e umidade; ... e se a cor dos pêlos é negra, argui muito calor e sequidão. Colige-se a temperatura contrária se a mulher for bem lampinha, sem buço nem penugem. A que está no segundo grau de frialdade e umidade tem um pouco de penugem, mas ruiva e dourada" (p. 322). No homem, "o pêlo e a barba são o sinal em que mais se há de reparar. ... Se o pêlo é muito, negro e grosso ... é indício infalível de muito calor e sequidão; e se tem algumas cerdas nos ombros se confirma muito mais. Mas quando o cabelo, a barba e os pêlos são castanhos, finos delicados e não muito abundantes, não argui muito calor nem sequidão..." (p. 326).

7º — *Formosura ou fealdade* — "No primeiro grau (de frialdade e umidade) muito dificilmente a mulher é formosa..." porque veio de "semente seca". "O barro tem que ter umidade conveniente para que o oleiro lhe possa dar forma e fazer com ele o que quiser. Se é seco e duro, os vasos saem feios e mal feitos. Aristóteles diz que também a muita umidade e frialdade faz as mulheres feias, porque se a semente é fria e aguada, não se lhe pode dar boa forma por não ter consistência; com barro muito mole não se pode dar boa forma aos vasos. No segundo grau de frialdade e umidade sai a mulher muito formosa, por ter-se feito de matéria bem sazoadada e obediente à natureza. Este sinal, por si só, é prova evidente de ser a mulher fecunda. ... E assim corresponde em proporção a quase todos os homens e todos a apetecem" (p. 323). "Os homens muito quentes e secos muito dificilmente são formosos, antes são feios e mal feitos. ... Pelo contrário, ser bem proporcionado e gracioso argui moderado calor e umidade...; e assim é certo que a muita formosura no homem não argui muito calor" (p. 326).

Parte agora o autor para o estudo de "que mulher com que homem se há de casar para que possa conceber". Não depende a fecundação e a geração só da fecundidade do homem ou só da mulher, mas de uma união adequada de ambos, pautada pelos graus das quatro qualidades primeiras. O princípio da fecundação foi firmado por Hipócrates desta forma: "Se não se unirem o quente ao frio e o seco ao úmido em grau igual de intensidade, não haverá geração" (De natura humana, Libro I, comment. 11). E dá (Huarte) três exemplos de união fecunda e capaz de ter filhos sábios e prudentes. O primeiro é o da "mulher fria e úmida no primeiro grau, cujos sinais dissemos que são ser atilada, áspera e desabrida, de voz grossa, de poucas carnes, morena, coberta de penugem e feia. Esta gerará facilmente de um homem néscio, bem proporcionado, que tenha voz suave e melosa, muitas carnes, brancas e macias, com pouco pêlo, ruivo e formoso de rosto. Essa mulher também se pode casar com um homem temperado, cuja semente é fecundíssima e corresponde a qualquer mulher" (p. 328. 329). O segundo exemplo é o da mulher "fria e úmida no terceiro grau, cujos sinais são ser tola, de trato ameno, de voz delicada, com muitas carnes, moles e brancas; não tem penugem nem buço, nem é muito formosa. Esta deve casar-se com um homem quente e seco no terceiro grau, porque sua semente é de tanta fúria e fervor que tem necessidade de cair em lugar de muita frialdade e umidade para que se prenda e deite raízes: esta tem a propriedade do agrião, que a não ser dentro da água, não pode nascer" (p. 329). Por fim "a mulher que for fria e úmida no segundo grau é moderada nos sinais de que já falamos, salvo na formosura que é extrema, o que é indício evidente de ser fecunda. Esta mulher convém a quase todos os homens: em primeiro lugar ao quente e seco no segundo grau, depois ao temperado e, por fim, ao quente e úmido".

"Destas três combinações e uniões de homens e mulheres podem sair filhos sábios, mas é mais fácil que saiam da primeira combinação, porque ainda que a semente do varão inclina a frialdade e umidade, a contínua sequidão da mãe, que dá pouco alimento à semente, corrige e emenda a falta do pai" (p. 330).

## II PARTE

Que providências tomar para ter filhos homens e não mulheres

"Digo que se hão de fazer seis diligências com muito cuidado, se os

pais querem conseguir este fim. Uma das quais é comer alimentos quentes e secos; a segunda, procurar que se digiram bem no estômago; a terceira, fazer muito exercício; a quarta, não chegar-se ao ato da geração enquanto a semente não estiver madura e bem sazoadada; a quinta, que o encontro se dê quatro ou cinco dias antes que venham as regras à mulher; a sexta, procurar que a semente caia do lado direito do útero. Tomadas estas diligências, é impossível gerar-se mulher" (p. 333.334). E "prova" depois longamente cada uma destas condições (p. 334-345).

### III PARTE

Como sairão os filhos sábios e não néscios

Estuda aqui "as diligências que se hão de fazer para que os filhos saiam engenhosos e sábios" (p. 343). As condições internas do homem, suas potências, qualidades, costumes, etc., dependem não só da geração, mas também de fatores externos. O que importa sobretudo para que os filhos sejam inteligentes são os alimentos e as águas de que vivem os pais, máxime nas proximidades do ato da geração. "E assim o que mais importa na geração dos filhos é procurar que os elementos de que se compõem tenham as qualidades que se requerem para o engenho; porque estes, no peso e medida que entraram na composição, nestes mesmos hão de durar para sempre no composto, e não dependerão das alterações do céu". (p. 344). Estes quatro elementos entram na composição disfarçados: "a terra vem dissimulada nos alimentos sólidos que comemos (pão, carne, peixe, frutas); a água, nos líquidos que bebemos; o ar e o fogo vêm misturados por ordem da natureza e entram pelo pulso e a respiração. Destes quatro elementos mesclados e cozidos com o nosso calor natural, se fazem os princípios necessários para a geração da criança" (p. 343.344).

O essencial são os alimentos sólidos, mas água também tem importância; deve ser "leve, doce e de bom temperamento sob pena de errar a geração". Diz Aristóteles que no tempo da geração deve-se fugir do vento sudoeste, porque é grosseiro e umedece muito a semente e faz que se gere mulher e não homem. Bom vento é o do poente, que nunca se louvará bastante" (p. 345). E repete que é bom respirar ar leve e "de bom temperamento" e beber águas com as mesmas qualidades, mas "muito mais importantes são os alimentos (sólidos) subtís e da

temperatura que o engenho requer; porque deles se gera o sangue, e do sangue a semente, e da semente a criatura. E se os alimentos são delicados e de bom temperamento, tal será o sangue, e de tal sangue tal semente, e de tal semente tal cérebro. E sendo este órgão temperado e composto de substância leve e delicada, tal será o engenho, diz Galeno" (p. 346).

"As comidas que os pais hão de comer para gerar filhos de grande entendimento (que é o engenho mais ordinário da Espanha) são em primeiro lugar o pão candial, feito da flor da farinha e amassado com sal". Nada faz tão bom entendimento como o sal. "É frio e tem a maior sequidão que pode haver nas coisas. ... As perdizes têm a mesma substância e temperamento que o pão candial; assim também o cabrito e o vinho moscatel. Usando os pais ais alimentos — na forma como atrás deixamos notado — terão filhos de grande entendimento" (p. 346.347).

"E se quiserem ter algum filho de grande memória, comam durante oito ou nove dias trutas, salmões, lampreias, besugos e enguias, comidas com as quais tornar-se-á a semente úmida e muito viscosa. Estas duas qualidades, dissemos atrás, que fazem a memória fácil de receber e muito tenaz para conservar as figuras durante muito tempo".

"De pombos, cabritos, alhos, cebolas, alhos-porós, rabanetes, pimenta, vinagre, vinho branco, mel e todo gênero de especiarias, faz-se a semente quente e seca e de muito boa qualidade. O filho que se gerar destes alimentos será de grande imaginação, mas falta de entendimento, pelo muito calor, e falta de memória, pela muita sequidão".

"As galinhas, os galos-capões, a vitela, o carneiro castrado de Espanha são de moderada substância, porque nem são iguarias delicadas nem grosseiras. ... Os filhos que destes alimentos se gerarem terão entendimento, memória e imaginação razoáveis; não aprofundarão muito nas ciências nem inventarão algo novo. Destes dissemos que se lhes imprimem com facilidade todas as regras e considerações da ciência, claras, obscuras, fáceis e difíceis, mas a doutrina, o argumento, a resposta, a dúvida e a distinção, tudo se lhes há de dar pronto e mastigado".

"De vaca, toucinho, queijo, azeitonas, vinho tinto e água salobra, far-se-á uma semente grosseira e de mau temperamento. O filho que se gerar desta alimentação terá forças como um touro, mas será furioso e de engenho animal".

"Mas se os pais quiserem deveras gerar um filho gentil-homem, sábio e de bons costumes, hão de tomar durante seis ou sete dias antes do encontro gerador, muito leite de cabras, porque ... é o melhor e mais delicado de quantos alimentos usam os homens. ... Mas, diz Galeno que se há de tomar cozido com mel, sem o que é perigoso e fácil de corromper. A razão é que o leite só tem três elementos em sua composição: queijo, soro e manteiga. O queijo corresponde à terra, o soro à água e a manteiga ao ar. O fogo que misturava os demais elementos e lhes conservava a mescla, evaporou-se ao sair o leite das tetas do animal. ... Mas acrescentando-se-lhe um pouco de mel, que é quente e seco como o fogo, volta o leite a ter os quatro elementos, os quais misturados e cozidos com (o trabalho de) nosso calor natural, produz-se uma semente muito fina e de muito bom temperamento. O filho que dela se gere terá pelo menos grande entendimento e não será falto de memória e de imaginação" (p. 347-349).

Huarte aborda ainda vários problemas abordados também por Persio (Cfr. Síntese, IX, 26, set/dez 1982), mas rejeita as soluções de Persio e lhe dá outras muito diferentes. Tais problemas são, por exemplo, porque nascem filhos néscios de pais inteligentes e vice-versa, com quem se parecem os filhos bastardos, porque os bastardos são gentís-homens, inteligentes, etc. (p. 349-361). Diz ainda que "desterraria das Universidades os estudantes valentões e amigos de armas, os enamorados, os poetas, os muito polidos e asejados, porque para nenhum gênero de ciência têm engenho e habilidade". E "prova" o seu asserção (p. 353-355).

#### IV PARTE

Como se hão de criar os filhos depois de nascidos  
para conservar-lhes o engenho

A principal condição para que os filhos inteligentes e prudentes por geração conservem as qualidades com que nasceram é o cuidado com sua alimentação porque "tanto se pode usar de alimentos contrários, que a criança poderia perder as boas qualidades que recebeu da semente de que se fez" (p. 363). Os alimentos que se hão de dar às crianças são os mesmos de que se alimentaram os pais na preparação da geração, sobretudo leite de cabras cozido com mel.

A segunda providência a tomar é evitar hábitos que engordem, o que além do mais danifica a saúde. Oito coisas, diz Hipócrates, que conduzem a engordar, são: viver na ociosidade; dormir muito; dormir em cama mole; comer e beber bem; andar sempre muito abrigado e muito vestido; andar sempre a cavalo e não a pé; fazer sempre a própria vontade; viver em jogos de passatempos e em coisas que dêem alegria e prazer (p. 365.366).

“O bom engenho e a saúde corporal pedem uma mesma qualidade, que é a sequidão” (p. 366). Para que a criança mantenha em seu crescimento é necessário:

- 1º — Ao nascer ser lavada com água salgada quente; isso desseca e enxuga as carnes e põe os nervos firmes, e faz a criança robusta e varonil, e por gastar-lhe a umidade supérflua do cérebro, a faz inteligente e a livra de muitas enfermidades capitais”. A menos que a criança tenha nascido muito seca; então convém lavá-la com água quente doce (p. 366.367).
- 2º — Criá-la ao ar livre e exposta às alterações da atmosfera e não tê-la muito abrigada, senão será frouxa, mulheril e de poucas forças (p. 368).
- 3º — Dar-lhe uma ama de temperamento quente e seco, “segundo nossa terminologia fria e úmida no primeiro grau, criada ao léu, acostumada a dormir no chão, a comer pouco e vestir-se mal, afeita ao sereno, ao frio e ao calor” (p. 369).
- 4º — “Não acostumá-la a dormir em cama fofa, nem trazê-la muito agasalhada nem dar-lhe muito de comer, porque estas três coisas, diz Hipócrates, enxugam e dessecam as carnes e as contrárias as engordam. E fazendo isto, terá a criança grande inteligência, será muito sadia e viverá muitos anos em virtude da sequidão” (p. 369.370).

## FONTES

Huarte não esconde suas fontes e cita constantemente Aristóteles, Platão, Hipócrates, Galeno e Cícero. Prende-se mais a Galeno, do qual diz que “entendeu que era necessário repartir as ciências entre os rapazes e dar a cada um a que pedia sua habilidade natural”. E já dissera antes que “tudo o que Galeno escreve em seu livro é o fundamento desta minha obra” (p. 88.89). O livro de Galeno a que se refere é o “Que os costumes da alma seguem o temperamento do corpo”. Mantém, porém, sua independência com relação a esses autores e frequentemente rejeita suas opiniões, sobretudo as de Aristóteles, pois

diz que "o filósofo que sem mais nem menos toma por verdadeira uma proposição só porque Aristóteles a proferiu, não tem inteligência, pois a verdade não está na boca daquele que a afirma, mas na coisa de que se trata" (Espasa-Calpe) (1).

## CURIOSIDADES

Huarte tem a verve fácil e o espírito agudo. Frequentemente faz longas digressões fora de seu assunto e entremeia seu escrito de observações interessantes. Não é intenção deste artigo segui-lo em suas curiosidades, mas não parece ficar mal trazer algumas de suas observações. Tratando de provar que a sorte não existe e que ganhar ou perder é questão de ter os meios adequados e pô-los em execução, diz o autor que "muitos são moralmente bons porque não têm habilidade para ser maus" (p. 268).

Respondendo à pergunta "porque os grandes latinistas (cujo conhecimento segundo ele depende da memória) são mais arrogantes e presunçosos quanto ao seu saber que os homens doutos em ciências que dizem respeito ao entendimento", observa que "para se conhecer se um homem é falto de entendimento, não há sinal mais certo do que vê-lo altivo, inchado, presunçoso, amigo de honras, preocupado com ninharias, formalidades e cheio de cerimônias" (p. 174).

E não lhe podia faltar alguma hipérbole. Falando da raridade dos engenhos que unam grande inteligência com muita imaginação e ótima memória, diz que "são tão poucos que não achei senão um entre os cem mil engenhos que examinei". (p. 204).

## ANTIFEMINISMO

Huarte tem algumas posições, pode-ser-ia dizer mesmo alguns vezos, que chamam a atenção. Põe ele vários tipos de pessoas em situação inferior quanto à inteligência, v. g. os jovens de boa voz, os oradores, os poetas, os habitantes do norte da Europa, e sobretudo as mulheres. É verdade que essas posições estão perfeitamente de acordo com suas teorias, mas às vezes tem-se a impressão de que não é apenas uma consêquência delas, mas fruto de uma posição preconcebida, um exemplo de "wishful thinking". Seu antifeminismo é marcante. Ele não perde ocasião de rebaixar a mulher no que toca à inteligência.

Já no segundo proêmio diz ele que “tendo Deus enchido a ambos (Adão e Eva) de sabedoria, é conclusão averiguada que coube menos a Eva, razão pela qual ... o demônio se atreveu a enganá-la e não ousou tentar o varão, temendo sua muita sabedoria. A razão disto é que ... a compostura natural que a mulher tem no cérebro não é capaz de muita inteligência nem de muita sabedoria” (p. 67). A página 143 diz: “os homens em comum têm melhor inteligência que as mulheres”. Ele abre exceção para algumas mulheres da Escritura, como Judit e Débora e sobretudo para certas gregas, mas fá-lo repisando a inferioridade geral delas quanto à inteligência. A Grécia é para ele o país que sobressaiu a todos os mais quanto à inteligência de seus filhos. “Mas o que mais espanta na Grécia é que, sendo a inteligência das mulheres tão avessa às ciências, ... houve tantas gregas tão assinaladas em ciências, que chegaram a competir com homens muito racionais...” (p. 289). Ao tratar das providências a tomar para que os filhos nasçam varões e não mulheres, traz uma longa tirada em que repisa sua sentença. Diz ele: “Os pais que quiserem gozar de filhos sábios e que tenham habilidade para as ciências, hão de procurar que nasçam varões; porque as mulheres, em virtude da frialdade e umidade de seu sexo, não podem alcançar engenho profundo. Só as vemos falar com alguma aparência de habilidade em matérias leves e fáceis, com termos comuns e muito estudados; mas metidas em letras ou ciências, não podem aprender mais que um pouco de latim, e isto por ser obra da memória. Eias não têm culpa dessa rudeza, mas a frialdade e a umidade que as fizeram mulheres ... é que contradizem o engenho e a habilidade”.

“Portanto, deve-se fugir deste sexo e procurar que o filho nasça homem, pois só nele se acha a inteligência que a ciência requer” (p. 331).

Poder-se-iam multiplicar as citações, mas basta o que aqui fica consignado para avaliar seu antifeminismo. É curioso que tendo ele tanta prevenção contra o sexo feminino e uma receita tão “certa” para ter filhos homens, não tenha escapado ao fado de ter mais mulheres do que homens entre seus filhos...

## **CONTRIBUIÇÃO DE HUARTE PARA A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL**

Huarte foi sem dúvida um precursor em vários ramos da psicologia; em particular da orientação vocacional. São aqui abordados vários

elementos que ele traz para essa orientação. Antes de mais nada fique aqui consignado que para ele a inteligência humana é capaz de ser medida e estudada cientificamente.

*Orientadores* — Já na primeira página do seu livro, no primeiro proêmio, diz ele que “no país devia haver deputados, homens de grande prudência e saber, que descobrissem o tipo de inteligência de cada criança ainda em tenra idade, fazendo-a estudar por força a ciência que lhe convinha, e não deixá-la à sua eleição” (p. 61). Logo à página seguinte incita os pais a ajudar os filhos na mesma direção. Fala dos assuntos que vai abordar em sua obra “com a intenção de que os pais curiosos tenham modo e método para descobrir o engenho de seus filhos, e saibam aplicar cada um à ciência em que mais há de aproveitar” (p. 62.63).

A presença de orientadores se faz necessária nas escolas: “Quem dera que houvesse nas escolas de nosso tempo quem fizesse sondagem e exame dos engenhos! A quantos trocara as ciências que estudam, e a quantos desterrara para o trabalho dos campos por estólidos e impossibilitados para os estudos! E a quantos engenhos que a natureza só criou para as ciências restituira ao seu destino, ao passo que, por falta de meios, jazem relegados a profissões vis!” (p. 72.73).

Mais adiante cita Galeno, em quem se inspirou no que traz em seu primeiro proêmio: “Bem entendeu (Galeno) que era necessário reparar as ciências entre os rapazes, e atribuir a cada um aquela que sua habilidade natural pedia, pois disse que ‘nos países bem ordenados devia haver homens de grande prudência e saber, que descobrissem a solércia natural de cada menino ainda em sua tenra idade, para fazê-lo aprender a ciência lhe convinha e não deixá-la à sua eleição” (In De Placitis Hippocratis et Platonis, Libro 9º) (p. 89). E para rematar: “De onde se entende quanto importe aos países que haja eleição e exame de engenhos para as ciências; pois uns, sem estudo, sabem e entendem o que hão de fazer, e outros, ainda que carregados de preceitos e regras, por faltarem-lhes a habilidade que a prática requer, fazem mil disparates” (p. 217).

As provas que propõe são os testes do seu tempo e procedem de sua teoria. “Se o menino posto a aprender a ler logo conhecer as letras e disser com facilidade o nome de cada uma delas, salteadas no abecedário, é indício de ter muita memória, porque é certo que tal obra não a faz nem o entendimento nem a imaginação, pois é ofício da memória guardar a forma das coisas e referir o nome de cada uma

quando é necessário. E se tem muita memória, já provamos atrás que terá falta de entendimento" (p. 224.225). E a seguir vem outra prova da memória com o aprendizado do latim. Para descobrir a imaginação propõe ele um exercício de caligrafia, e para a inteligência usa a prova da dialética (p. 224-226).

## HUARTE E PARSONS — TEORIA "TRAÇO E FATOR"

Entre Huarte e Parsons medeiam mais de três séculos. Seus livros foram escritos respectivamente em 1575 e 1909. O fim que se propõem é diferente, mas estão numa mesma linha. Huarte visa a orientação do jovem para os estudos, sobretudo descobrindo os talentos para as carreiras liberais. Parsons preocupa-se sobretudo com a orientação dos jovens na passagem da escola para o trabalho. Ambos, porém, requerem orientação para eles e admitem a necessidade de verificar a adequação das habilidades de cada um às exigências da profissão visada. Em linhas gerais é nisso que consiste a teoria de "Traço e Fator", delineada por Parsons, mas que já vem claramente em Huarte. Como bem disse Henry Borow, o desenvolvimento da orientação vocacional no princípio deste século não representou "a invenção mas o florescimento de uma idéia" (apud Zytowski). Eis algumas passagens das obras de Huarte e de Parsons que mostram o relativo paralelismo e as relativas diferenças de suas idéias.

### HUARTE

"O intento desta minha obra é saber distinguir e conhecer as diferenças naturais do engenho humano, e com método aplicar cada tipo de inteligência à ciência em que mais há de aproveitar" (p. 68).

"... que cada um só exercitasse aquela arte para a qual tinha talento natural..." (p. 61).

"Que nas Academias houvesse examinadores para saber se aquele que quer estudar dialética, filosofia, medicina, teologia ou leis tem o tipo de engenho que estas ciências exigem" (p. 62).

### PARSONS

"O fim deste livro é indicar os passos práticos a serem dados para remediar esta situação (de escolha casual do trabalho) por meio do aconselhamento e orientação de um especialista, na seleção da vocação, na preparação para ela e na transição da escola para o trabalho" (p. 4).

"Se um rapaz se dá a uma espécie de trabalho ao qual está adaptado, terá muito maior êxito do que se impellido a uma indústria para a qual não foi feito" (p. 3).

"... Se não acertares a eleger a (ciência) que corresponde à tua habilidade natural, terás grande redução de qualidade ainda que trabalhes dias e noites" (p. 65).

No país "devia haver deputados, homens de grande prudência e saber, que descobrissem o tipo de inteligência de cada criança ainda em tenra idade..." (p. 61).

"Quem dera que houvesse nas escolas do nosso tempo quem fizesse sondagem e exame de engenhos" (p. 72).

"Por aqui verá vossa Majestade quanto importa ao país que haja nele esta escolha e exame de engenhos para as ciências" (p. 63).

"Do que resultaria em vossos estados e senhorios haver os maiores artífices do mundo e as obras de maior perfeição, só pelo fato de unir a arte com a natureza" (p. 61.62).

"Qualquer jovem precisa de ajuda em cada um destes três pontos. Ele precisa de tanta informação e assistência, quanta possa ter. Ele necessita de aconselhamento. Ele precisa de um orientador vocacional" (p. 5).

"Uma ocupação em harmonia com a natureza do indivíduo significa... produto superior, serviço eficiente e boa paga. ... A eficiência e o êxito dependem largamente da adaptação" (p. 3. 4).

"Na sábia escolha de uma vocação interferem três grandes fatores: 1) Conhecimento claro de si mesmo, das próprias aptidões, habilidades; 2) Conhecimento das exigências dos diferentes campos de trabalho; 3) Raciocínio seguro sobre as relações destes dois fatos" (p. 5).

Huarte e Parsons só diferem frontalmente num ponto que diz respeito à ética da orientação. Parsons respeita a liberdade individual da escolha, ao passo que Huarte quereria impor ao jovem a profissão que quadra com seu tipo de inteligência. Assim, Parsons: "Ninguém pode decidir por outrem que ocupação deve escolher, mas é possível ajudá-lo a abordar o problema de tal forma que ele chegue a conclusões razoáveis e sábias para si mesmo" (p. 4). Ao passo que Huarte pensa que após descobrir quais as habilidades da criança, os especialistas deveriam obrigá-la "a estudar por força a ciência que lhe convinha, e não deixá-la à sua eleição" (p. 61).

## HABILIDADE OU APTIDÃO

É o elemento de orientação que mais ocorre na obra de Huarte. Há capítulos em que aparece continuamente, embora venha expressa por sinônimos como disposição, talento natural, etc., que no contexto não significam outra coisa senão habilidade, aptidão para alguma coisa. Assim, por exemplo, "devia estabelecer-se uma lei ... que cada um só exercitasse aquela arte para a qual tinha *talento natural*, e deixasse as demais" (p. 61). Só nessa página a habilidade aparece três vezes sob diferentes formas. Mais adiante, citando uma passagem da Sagrada Escritura, diz: "Não duvido que Deus faça repartição de ciências, tendo em conta o engenho e a *disposição natural* de cada um" (p. 66). E no título do capítulo I: "Onde se prova ... que se o rapaz não tem o engenho e a *habilidade* que lhe exige a ciência que quer estudar" é inútil estudá-la (p. 69). Quando narra o fato registrado no decurso deste artigo, de estudos seus e de mais dois companheiros, não faz senão distinguir as diferenças de aptidão dos três: um para línguas, outro para astronomia e outro para dialética, embora sem mencionar a palavra (p. 72). Pouco mais adiante diz que "era necessário repartir as ciências entre os rapazes e dar a cada um a que pedia sua *habilidade natural*" (p. 89). À página 164 diz: "... para que cada um entenda com distinção ... para que ciência tem *disposição natural*". E assim a cada passo até o fim do livro.

*Inclinação* — A palavra não é mencionada por Huarte, mas a coisa sim, embora poucas vezes. E inclinação se relaciona com motivação, interesse e gosto. O gosto figura expressamente no seu texto. Assim, respondendo à pergunta de Aristóteles "porque os ... comediantes, os bodegueiros, os carneiros e os que se acham presentes em todos os banquetes para ordenar a distribuição da comida são ordinariamente maus e viciosos", diz: "O representar e o dar ordem às festas de Baco nasce de uma espécie de imaginação que convida o homem àquela maneira de viver". E mais abaixo: "Estes ainda que se dessem aos estudos, nada aproveitariam neles. E mesmo que fossem ricos *aficionarse-iam* da mesma forma a esses ofícios ainda que sejam vís, porque o engenho e a habilidade *atraem* cada um à arte que lhe corresponde". E a uma pergunta semelhante do mesmo Aristóteles: "Porque há homens que *almejam* e *se ralam* por ser atores e trombeteiros e *não gostam* de ser oradores nem astrônomos", responde com o filósofo dizendo que "o homem logo *sente* para que arte tem disposição natural, porque dentro de si tem cada um quem o ensine. E pode tanto a natureza com suas *irritações* que, ainda que a arte e o ofício sejam

indecentes à dignidade daquele que o aprende, se dá a ele e não a outros exercícios honrosos" (p. 202-203).

## DIFERENÇAS INDIVIDUAIS

Não há porque exemplificar sobre este assunto, uma vez que ele vem exarado no próprio título do livro e é o leitmotiv dele todo. Tudo quanto Huarte diz em sua obra tem como fundamento as diferenças individuais. Com efeito, se a cada um convém um ramo de ciências e não outro é porque os indivíduos são psicologicamente diferentes. Baste lembrar, como ficou dito atrás, que ele distingue nove espécies de temperamento e dentro dessas nove espécies, vê ele ainda subdivisões (p. 129ss e 288ss).

Resumindo para finalizar, Huarte aborda os seguintes capítulos de interesse para a orientação vocacional:

- a aptidão ou habilidade natural;
- a inclinação natural, o interesse, a motivação, o gosto;
- as diferenças individuais;
- a necessidade de orientadores;
- uma incoação da teoria de Traço e Fator.

A obra de Huarte é realmente original. J. M. Guardia que, segundo Torre foi o autor que maiores esforços fez no século passado para o estudo do *Examen*, diz mais: qualifica a obra de original e atrevida. Houve quem se opusesse às posições de Huarte. Jourdain Guibelet, em 1631, escreve o livro "Examen de l'examen des esprits", crítica acerba, ferina da obra de Huarte, mas que não conseguiu diminuir a popularidade e a aceitação de seu livro, pois do mesmo século de Guibelet data o maior número de edições do *Examen* de Huarte em língua francesa. Elas foram dezenove, oito antes e onze depois da crítica de Guibelet. Ei-las: Rouen 1602, 1607, 1613, 1619; Lyon 1608, 1609, 1668, 1672; Paris 1614, 1619, 1631, 1633, 1645, 1650, 1655, 1661, 1675. Houve ainda uma edição francesa em Amsterdam em 1672. Como ficou dito no princípio deste artigo, Torre cataloga setenta edições em várias línguas. Tantas edições e em tantas línguas exigem uma razão e esta parece ser a originalidade e o valor intrínseco da obra.

## BIBLIOGRAFIA

- (1) HUARTE de San Juan, Juan. *Examen de Ingenios Para las Ciencias*. Madrid, Editora Nacional, 1977. Edición preparada por Esteban Torre.
- (2) *Diccionario Enciclopédico SALVAT*. Barcelona, Salvat Editores, S.A., 1955, 12 vols. Verbete "Huarde de San Juan (Juan)", vol. VII.
- (3) *Diccionario Enciclopédico U.T.E.H.A.* Mexico, Unión Tipográfica Editorial Hispano-Americana - 1950-1952, 10 vols. Verbete "Huarde de San Juan e Huarde y Navarro, (Juan de Dios)", vol. VI.
- (4) *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*. Milano, Roma, Instituto della Enciclopedia Italiana, fondato da Giovanni Treccani, 1929-1947, 36 vols. + Appendice I-IV. Verbete "Huarde, Juan", por Salvatore Battaglia, vol. XVIII.
- (5) *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editorial Verbo, 18 vols., 1966-1976. Verbete "Huarde de San Juan (Juan de Dios)", por José Maria Siqueira, vol. X.
- (6) *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 70 vols. + 4 de Suplemento, 1930-1958. Verbete "Huarde (Juan)", vol. XXVIII.
- (7) *Encyclopédia e Dicionário Internacional*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, Inc., s.d., 20 vols. Verbete "Huarde, João de Deus", vol. X.
- (8) *Gran Enciclopedia del Mundo*. Bilbao, Durvan, S.A. de Ediciones, 22 vols., 1961-1971. Verbete "Huarde de San Juan, Juan de Dios", vol. X.
- (9) *Kindlers Literatur Lexikon im dtv*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH, & Co. KG, 25 vols., 1974. Verbete "Examen de Ingenios para las Ciencias" (sic), vol. VIII.
- (10) Maraño, Gregorio. *Juan de Dios Huarde: Examen Actual de un Examen Antiguo*, In: *Tiempo Viejo y Tiempo Nuevo*, Madrid, Espasa-Calpe, 1956, pp. 115-154.
- (11) Parsons, Frank. *Choosing a Vocation*. New York, Agathon Press, Inc., 1967.
- (12) Zytowski, Donald G. *Four Hundred Years Before Parsons*. In: "The Personnel and Guidance Journal", 50, 6, 443-450, 1972.